

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

Ana Luiza Emerich Magalhães

GRAVURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Belo Horizonte

2014

Ana Luiza Emerich Magalhães

GRAVURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais
da Escola de Belas Artes da Universidade
Federal de Minas Gerais, como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Graduação em Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Gouthier Macedo

Belo Horizonte

2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Sônia e José, por tudo que são para mim. À minha amiga Bruna, por ter pedido uma irmã e pelas consultorias. A todos da família.

Ao companheiro, João Vítor, que esteve ao meu lado, me apoiando, em todos os bons e maus momentos destes últimos anos.

À orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso, Juliana Gouthier Macedo, pela paciência, disposição e incentivo. À orientadora de Iniciação Científica, Lucia Gouvêa Pimentel, pelo aprendizado constante. A todos os professores/exemplos que me guiaram ao longo deste caminho.

Aos meus amigos, em especial a uma certa Dona Jacqueline, sempre presente.

E a Deus, por ter colocado todas essas pessoas maravilhosas na minha vida.

RESUMO

A realização deste trabalho (Anexo 1¹) foi motivada pelo meu recente interesse pela gravura. Este foi proporcionado e proporcionou diversas experiências significativas para minha formação acadêmica e humana.

Partindo da relação de afeto e aproximação que estabeleci com essa expressão artística, este trabalho se debruça sobre o ensino da gravura na Educação Básica, levantando questões sobre como essa está sendo abordada nos livros didáticos e propondo caminhos para se trabalhar com a gravura na sala de aula, a partir da perspectiva do professor/artista/pesquisador.

Isso sempre considerando como a gravura pode ser potente na construção de saberes (FREIRE, 2011).

¹ Todas as imagens não referenciadas são fotos da autora.

SUMÁRIO

Capítulo 1 - A gravura	5
1.1- Minha história e/com a gravura	5
1.2- Importância da gravura para o ensino	9
Capítulo 2 - A gravura no ensino formal	12
2.1- A gravura em documentos oficiais	12
2.2- A gravura em livros didáticos de Arte - Ensino Médio	14
2.2.1- Livros indicados pelo PNLD 2015/Ensino Médio/Arte	14
2.2.2- Livros didáticos e a gravura	16
2.2.3- Desenvolvendo as atividades práticas	17
Capítulo 3 - Propostas para o ensino da gravura	29
3.1- Material didático para o ensino da gravura	29
3.1.1- Desenvolvimento do material didático	29
3.1.2- O material didático	31
3.2- Experiências com o material didático	33
3.2.1- A gravura e a cidade	33
3.2.2- Executando o projeto — experiências	36
Considerações finais	41
Referências	43
Anexos	47

CAPÍTULO 1 - A GRAVURA

1.1- *Minha história e/com a gravura*

Durante toda a minha formação escolar convivi com imagens reproduzidas em livros didáticos, sobretudo nos de história, área do conhecimento pela qual sempre me interessei. O que eu não sabia era que aquelas imagens dos livros eram resultado de um longo e minucioso processo de produção e que a palavra gravura era muito mais do que sinônimo de ilustração.

Foi somente no segundo período do Curso de Artes Visuais, durante a disciplina Impressão, ministrada pela professora Daisy Turrer, que descobri a gravura enquanto procedimento técnico de produção de imagem, imagem resultante de diferentes processos e potente forma de expressão artística.

Através das palavras da professora Daisy Turrer, eu e outros alunos tivemos a oportunidade de nos apaixonarmos pela gravura, aprendendo um pouco da sua história, dos procedimentos técnicos, dos artistas e das diversas formas de se fazer gravura.

A maior parte das aulas consistia em atividades práticas. Nestes momentos recebíamos orientações da professora, mas também tínhamos muita liberdade para aprender errando.

Aliás, errar foi algo frequente durante toda a minha graduação, o que, antes encarado por mim como um problema, se mostrou uma ótima estratégia de aprendizado. Isto porque, se lançarmos um olhar crítico e atento para os erros, podemos, a partir deles, extrair ensinamentos para fazer diferente e acertar da próxima vez. Essa potência didática da experiência do erro é algo que levarei para a sala de aula durante minha futura carreira docente.

No curso de graduação me aproximei, também, da fotografia. Esta modalidade artística, com quem antes tinha apenas uma relação pessoal de carinho, se mostrou, para mim, como uma instigante forma de expressão artística. Descobrir essas duas modalidades artísticas possibilitou o desenvolvimento de uma poética pessoal (Anexo 2) que não passasse pelo viés da pintura, expressão a qual me dedicava até o momento.

Quando precisei optar por uma habilitação, escrevi no papel o que já havia decidido no ensino médio: licenciatura. Passei então a dividir meu tempo entre as aulas da licenciatura e as optativas da gravura e da fotografia.

Dentre as disciplinas da habilitação de gravura, cursei xilogravura, gravura em metal e litografia.

Nas aulas de xilogravura, com as professoras Lucia Pimentel e Patrícia de Paula, aprendemos desde o trabalho de composição da imagem a ser gravada na matriz até a limpeza dos materiais utilizados para a impressão da gravura, descobrindo como cada etapa era igualmente importante.

Nessas aulas também pude perceber, após imprimir mais de dez gravuras feitas por meio de matriz perdida, como poder sentar com a professora em frente à gravura, para tentarmos descobrir juntas o que não está dando certo, pode ser uma experiência enriquecedora. Neste momento percebi que as imagens falam, contam sua história, e que a orientação é essencial para que possamos aprender a decifrar as diversas possibilidades que elas nos apresentam.

Já nas aulas de gravura em metal, com os professores Clébio Maduro e Lucia Pimentel, descobri que a palavra que guia toda a construção da gravura, assim como de qualquer outra imagem artística, é a paciência. No caso da gravura, essa é

necessária principalmente quando ainda não se tem experiência para prever o que cada interferência sobre a chapa de metal acarretará e quando não se quer perder todo o trabalho já realizado só pela pressa devê-lo finalizado.

A gravura, assim como o desenho, a pintura, a escultura e outras formas de expressão, parecem precisar, às vezes, de um tempo de descanso para que amadureçam e se mostrem ao artista, como sempre nos lembra o professor Clébio Maduro.

A incerteza diante da imagem resultante do processo de gravação gerou em mim, a princípio, muita insegurança. Mas, com o tempo, se mostrou uma grande aliada na quebra de preconceitos com relação ao trabalho do artista, percebendo que pode ser algo positivo não ter o controle total do resultado final.

Esta imprevisibilidade da gravura e a oportunidade de se explorar as diversas possibilidades de se construir imagem pensando o preto e o branco melhorou a minha percepção das relações de contraste, da espacialidade, da linha e da forma.

As aulas de litografia, ministradas pela professora Maria do Carmo Veneroso, foram um grande desafio e as que considerei mais complicadas. Esta complicação é resultante do peso da matriz, a pedra calcária, e, consequentemente, de todo o esforço que sua preparação, gravação e impressão exigem.

Uma das maiores certezas que construí ao longo da minha graduação, principalmente nas aulas de gravura e de licenciatura, foi a importância de se trabalhar em conjunto. Revezar a utilização da prensa e ajudar na impressão do colega de turma, ajudar a carregar pedra, emprestar material para os esquecidos, como eu, reunir para limpar a sala após o fim das atividades, dividir a satisfação de um “bom” resultado e os desafios de um resultado “ruim”. Tudo isto foi essencial

para que eu aprendesse a trabalhar em equipe, equipe que pode e deve ser formada também na escola, entre professores, funcionários e alunos, e que deve reforçar para estes últimos, a cada instante, a importância do coletivo.

Além de todo o aprendizado citado acima, o interesse pela gravura possibilitou que eu desenvolvesse uma pesquisa de iniciação científica, sob a orientação da professora Lucia Pimentel. A pesquisa consistiu em procurar jornais e revistas produzidas em Belo Horizonte, nos anos iniciais de existência da cidade, que tivessem na gravura uma aliada na produção de suas imagens.

Poder aprender sobre gravura e sobre a cidade em que nasci e vivo, aprendendo também a pesquisar, fez com que minha formação acadêmica fosse ainda mais prazerosa.

A iniciação científica e as atividades desenvolvidas nas aulas do Curso me ensinaram a importância de ser professora/pesquisadora. Isto porque nós professores e futuros professores, enquanto profissionais conscientes do potencial transformador da educação, devemos buscar ao máximo contribuir para o aprendizado dos alunos. Esta busca faz com que precisemos estabelecer, como parte da nossa prática, a indagação e a pesquisa constante (FREIRE, 2011). Esta indagação deve ser incentivada também no aluno, através do despertar da curiosidade crítica.

A gravura, a fotografia e a licenciatura me fizeram entender a importância de ser professora/artista, para poder proporcionar aos alunos o contato com uma práxis coerente de uma professora/exemplo.

Enquanto futura professora, a prática e a teoria que vivenciei ao longo destes quatro anos e que me proporcionaram inúmeras experiências significativas (DEWEY, 2010) me impulsionam a querer partilhá-las e proporcioná-las aos alunos.

A gravura, latente em toda a minha formação escolar e, ao mesmo tempo, uma desconhecida, se mostrou ótima professora e amiga de caminhada na minha formação docente.

1.2- *Importância da gravura para o ensino*

Acredito que, assim como a gravura foi capaz de me proporcionar experiências significativas e contribuir para o meu aprendizado, tanto em Artes Visuais quanto como pessoa, ela também pode contribuir para a formação de alunos da educação básica.

Quero deixar claro aqui que escolhi pensar a gravura enquanto aliada para a construção de conhecimento em Artes Visuais não por julgá-la superior às demais modalidades artísticas, mas pela aproximação que estabeleci com ela, que me permitiu aprofundar em diferentes questões sobre o ensino/aprendizagem em Artes Visuais.

A gravura exige a criação de soluções técnicas que possibilitem que a imagem “funcione” em uma limitada gama de cores. Esta exigência estimula a criatividade e o olhar atento de quem a produz. Ela demanda, ainda, que se recorra a noções caras para as demais modalidades artísticas e que são fundamentais para a constituição da imagem, como: a linha, a relação entre luz e sombra e a espacialidade.

A xilogravura e a gravura em metal (principalmente a ponta-seca) possuem, como características marcantes do seu processo de gravação, a grande demanda manual

e o minucioso controle do esforço a ser exercido para se obter o resultado desejado. Estas características se relacionam, por exemplo, com a escultura e colaboram para que o indivíduo aperfeiçoe o controle e conhecimento sobre o próprio corpo.

Tanto o processo de se pensar a imagem a ser gravada quanto o de gravação desta são momentos que demandam uma grande atenção, já que a questão da inversão da imagem deve ser considerada a todo instante.

A impressão da matriz gravada é sempre um desafio e exige paciência, dedicação e um olhar detalhado as pequenas nuances e variações de cada imagem impressa, a fim de entender as causas destas variações.

As impressões são fontes de descobertas e podem ser, ainda, o início de outras gravuras. Esta pode surgir tanto do retorno à gravação na própria matriz impressa quanto da sua elaboração a partir de uma nova matriz. Isto porque as experiências, enquanto proporcionadoras de aprendizado, são incorporadas e se fazem presente nos trabalhos que se sucedem (DEWEY, 2010).

A gravura, por meio de características como a reprodutibilidade, a inversão da imagem, a construção desta a partir de um número limitado de cores, a obtenção da imagem de forma indireta, a marca, o relevo, a produção por subtração, dentre outras, possibilita, ao longo de seu processo de produção e como apontado até agora, explorar diversos aspectos relevantes para o campo das Artes Visuais. Além da própria imagem, a gravura abre uma gama de possibilidades se for relacionada à história da arte, a artistas, ao desenho, ao baixo relevo da escultura, às pinturas monocromáticas e a outros conhecimentos.

Assim, na educação básica, a gravura pode ser abordada na sala de aula, pelo professor de Arte, tanto para que o aluno conheça esta forma de expressão artística quanto como caminho para se abordar outras questões referentes às Artes Visuais. Estas questões, quando levantadas, colaboram para o entendimento do que é a gravura, criando uma rede de conexões que facilitam e contribuem para a construção de conhecimento por parte do aluno, trazendo mais sentido ao conteúdo.

Ao trazer a gravura para a sala de aula, aspectos da formação humana também podem ser trabalhados, como a importância do coletivo, da ajuda mútua. Isto porque a produção da gravura, quando trabalhada em processos educativos, pode ser desmembrada em várias etapas e estas serem desenvolvidas por diferentes alunos, fazendo com que a gravura resultante desta construção coletiva seja de todos eles e, ao mesmo tempo, de ninguém.

A gravura, assim como as demais modalidades artísticas, proporcionam e são resultado de um contínuo pensar e fazer. Estas ações podem ser consideradas como partes que estabelecem um diálogo para formar um todo: o pensar leva ao fazer, que leva a pensar o que foi feito, que leva a fazer outra coisa. Estas ações estão presentes ao longo de todo o processo de produção da gravura, destacando-se uma ou outra, dependendo do momento. Nesse sentido, esta técnica, se abordada pelo professor na sala de aula, pode revelar o esforço intelectual e as habilidades que a produção artística requer e estimula, contribuindo para a valorização do campo de conhecimento Arte e do artista como profissional.

CAPÍTULO 2 - A GRAVURA NO ENSINO FORMAL

2.1- *A gravura em documentos oficiais*

Os órgãos do governo responsáveis pela educação, tanto na esfera federal, quanto estadual e municipal, elaboram documentos oficiais norteadores para o ensino. Estes documentos são importantes instrumentos para se pensar o ensino de Arte na educação formal.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)* trazem diretrizes para a educação de todo o país, o *Currículo Básico Comum (CBC)* de todo o estado de Minas Gerais e as *Proposições Curriculares para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte de Arte* de toda esta cidade .

Os documentos, tanto no que se refere ao ensino fundamental quanto no que se refere ao ensino médio, defendem, ao longo de toda a sua estrutura, a necessidade de se pensar um ensino de Arte que articule os três eixos fundamentais da Abordagem Triangular, desenvolvida pela pesquisadora Ana Mae Barbosa: o fruir, o contextualizar e o produzir Arte. Esta coerência entre os *PCNs*, o *CBC* e as *Proposições Municipais* se deve a necessidade de se respeitar a hierarquia entre os poderes, fazendo com que os documentos sejam adequações das diretrizes gerais à realidade de cada região. Assim, várias orientações dos documentos são bem semelhantes.

Ao tratar mais especificamente do ensino de Artes Visuais, os *PCNs*² destacam como alguns dos objetivos deste: interagir com diversos materiais e, por meio destes, perceber, analisar e produzir trabalhos em arte; saber reconhecer,

² Três *PCNs* foram utilizados como referência para análise: o do Ensino Fundamental primeiro ciclo (1^a a 4^a séries), o do Ensino Fundamental segundo ciclo (5^a a 8^a séries) e o do Ensino Médio.

diferenciar e utilizar diversas técnicas de arte, considerando as particularidades de cada uma (*PCN*, 1998).

Esta preocupação com o conhecimento de diversas técnicas também está colocada nos conteúdos a serem abordados, como no que se refere à produção do aluno:

A produção artística visual em espaços diversos por meio de desenho, pintura, colagem, gravura, construção, escultura, instalação, fotografia, cinema, vídeo, meios eletroeletrônicos, design, artes gráficas e outros (*PCN*, 1998, p. 66).

Considerando que o ensino de gravura vai além de contribuir para o aprendizado de uma técnica, a gravura se relaciona a vários outros objetivos e conteúdos apresentados tanto nos *PCNs* quanto no *CBC* e nas *Proposições Municipais*. Por exemplo, a expansão do conhecimento de modalidades artísticas, indo além das mais conhecidas, como a pintura e o desenho, e os diversos modos como cada cultura e artista se apropriam dessas modalidades.

Além disso, é importante lembrar que o conhecimento em gravura contribui para o domínio de componentes fundamentais na produção da imagem, destacados nestes documentos, como: linha, forma, textura, luz, volume, espaço, tempo e movimento (*PCN*, 2000).

A gravura, de forma explícita, aparece poucas vezes nos *PCNs*, no *CBC* e nenhuma vez nas *Proposições Municipais*, assim como nas demais formas de expressão. Isto se deve ao fato dos documentos serem orientações amplas para o ensino de Arte e não abordarem os conteúdos de forma mais específica. Mesmo assim, percebe-se como a gravura contribui para o processo de ensino-aprendizagem em Artes Visuais.

2.2- A gravura em livros didáticos de Arte - Ensino Médio

2.2.1- Livros indicados pelo PNLD 2015/Ensino Médio/Arte

Os livros didáticos utilizados nas escolas públicas podem ser considerados mais importantes para se pensar o ensino da gravura na educação básica do que os documentos oficiais elaborados pelos governos. Isto porque, se considerarmos que o material didático é uma importante base para o trabalho do professor, esse pode influenciar mais diretamente no cotidiano da sala de aula e, consequentemente, no processo de construção de conhecimento por parte do aluno.

No Brasil, o *Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)* é o responsável pela distribuição de livros para escolas públicas da educação básica. Os livros inscritos no programa são analisados por consultores e o *Guia de Livros Didáticos* é lançado, trazendo resenhas dos livros selecionados para a distribuição. A escola escolhe, dentre estes livros, a publicação que melhor atende ao seu projeto político pedagógico e, então, os recebe.

O *PNLD*, ao lançar o *Guia de Livros Didáticos 2015*, contemplou pela primeira vez no ensino médio o campo de conhecimento Arte. Este programa selecionou dois livros de Arte para serem distribuídos a alunos do ensino médio de escolas públicas: *Por toda parte* (FERRARI, 2013) e *Arte em Interação* (FRENDA, 2013).

Neste guia podem ser encontrados quadros esquemáticos contendo as principais características de cada publicação. As informações destes estão transcritas abaixo:

Arte em Interação:

Pontos Fortes: Uso de vários recursos didáticos para a apresentação de conteúdos e estímulo à reflexão dos professores e alunos. Contextualização do conteúdo com o cotidiano dos estudantes.

Pontos Fracos: Maior presença de conteúdo específico de Artes Visuais em relação à Dança, Música e Teatro. Priorização da abordagem histórica linear no conteúdo de Artes Visuais, em detrimento da análise, crítica e prática de processos criativos.

Destaque: Respeito ao protagonismo do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Programação do ensino: A coleção destina-se aos três anos do ensino médio.

Manual do Professor: Apresentação de pressupostos teórico-metodológicos; orientação para a realização das atividades; indicação de objetivos e de procedimentos de avaliação.

Por toda parte:

Pontos Fortes: Atividades de leitura com variadas estratégias de processamento do fazer, do apreciar e do contextualizar a arte. Articulação de complementos em Boxes com novas informações sobre os temas tratados

Pontos Fracos: Algumas imagens não ultrapassam o caráter ilustrativo, condicionando pouco aproveitamento dos conhecimentos nas atividades. Há necessidade de maior esclarecimento ao professor nas atividades propostas.

Destaque: Articulação interdisciplinar entre o componente curricular Arte e outros componentes, como Matemática, Português, Educação Física, Química e Biologia.

Programação do ensino: Possibilidade de construção de um percurso autônomo aliado ao projeto pedagógico do professor e de sua instituição.

Manual do Professor: Apresentação de pressupostos teórico-metodológicos; orientação para a realização das atividades; indicação de objetivos e de

procedimentos de avaliação e indicações de atividades complementares (Guia de Livros Didáticos 2015, p. 29,30 e 35).

Tendo em mente as características gerais destes dois livros, é possível analisar como os dois dialogam com a gravura.

2.2.2- *Livros didáticos e a gravura*

Os dois livros de Arte presentes no *Guia de Livros Didáticos 2015, Arte em Interação e Por toda parte*, tem a gravura como um dos conteúdos desenvolvidos ao longo de suas páginas.

No livro *Arte em Interação*, o espaço destinado à gravura é de aproximadamente 21 páginas, 5,25% do total de páginas. Já no livro *Por toda parte*, este espaço é de 2 e $\frac{1}{2}$ páginas, aproximadamente 0,8%. Se considerarmos que os livros pretendem ser uma base para o ensino de Arte, abrangendo a Música, a Dança, o Teatro e as Artes Visuais, e que a gravura é somente uma das diversas e igualmente importantes expressões das Artes Visuais, os números de páginas destinados à gravura não define a qualidade dos livros.

Porém, se considerarmos a complexidade da gravura, é possível deduzir que quanto maior o número de páginas que esta ocupa em um livro maior a probabilidade de estar sendo abordada de forma detalhada. No caso desses dois livros é exatamente isto que ocorre. O livro *Arte em Interação* traz informações referentes à história, particularidades, imagens, e processo de produção da serigrafia, gravura em metal, litografia e xilogravura, variando no aprofundamento, dependendo da técnica tratada. Já o livro *Por toda parte* trata da gravura de maneira muito breve, abordando somente a xilogravura.

Com relação à xilogravura, o livro apresenta uma definição vaga e reducionista:

Xilogravura: trata-se de um tipo de gravura feita de uma matriz de madeira. É uma linguagem artística usada também em livros da literatura de cordel, muito comum na região Nordeste do Brasil (FERRARI, 2013, p.80).

Interessante pontuar que o livro coloca a xilogravura como “um tipo de gravura”, mas não explica o que é a gravura.

A xilogravura é o foco das atividades práticas diretamente relacionadas à gravura em ambos os livros. Nestes, esta forma de expressão é vinculada diretamente ao cordel e apresenta como exemplo de artista J. Borges.

Apesar de considerar muito importante que se destaque a relação entre a xilogravura e o cordel, enxergando nesta um pretexto para problematizar com os alunos a visão de que arte e cultura popular são conhecimentos dicotômicos, faz-se igualmente importante trazer imagens, informações e artistas xilogravadores que utilizem a xilogravura de diversas formas, além da ilustração, ampliando, assim, o repertório do aluno.

Ambos os livros possuem atividades que não se relacionam diretamente à produção de gravura, mas trazem algumas questões referentes a esta, como uma atividade de desenho explorando a luz e sombra através de linhas e outra, também de desenho, que utiliza a reprodução de uma série de litografias para exemplificar o que está sendo proposto.

2.2.3- Desenvolvendo as atividades práticas

Considerando a necessidade da prática para a construção do aprendizado em Arte e tendo em vista a importância do material didático como apoio tanto para o professor quanto para o aluno, foram desenvolvidas as atividades dos livros, que propõem a produção de gravura.

Importante destacar que procurei seguir ao máximo as orientações dadas nos livros, para que o meu conhecimento prévio acerca das atividades não influenciasse nos resultados obtidos.

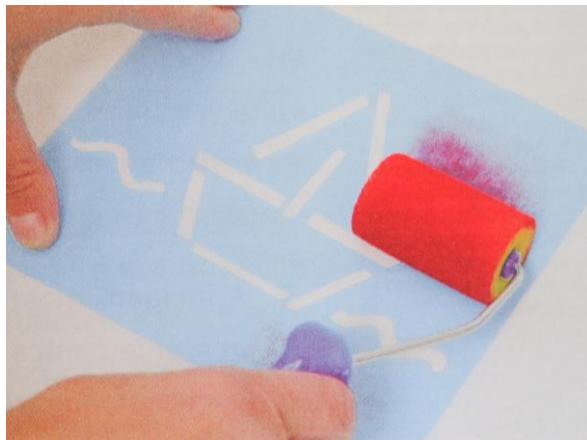
No livro *Arte em Interação*, na página 127, há a orientação para o desenvolvimento de atividade relacionada à serigrafia e à arte pop:

A indústria do entretenimento e a publicidade estão sempre transformando pessoas em celebridades, gerando interesse por suas vidas e usando suas imagens para atrair o público. São ídolos da música, do cinema, dos esportes, da moda. Quem você diria que é um ícone nessas áreas?

Nesta atividade, você escolherá a imagem de uma pessoa conhecida, uma celebridade, retirada de jornal ou revista, e interferirá nela. Você pode recortar a figura, ou fazer uma fotocópia e até reproduzi-la várias vezes. Para interferir na imagem, usará uma técnica parecida com a serigrafia: o estêncil. Na serigrafia, a tinta atravessa uma área vazada em certo formato, numa tela de náilon, colorindo uma superfície. Telas diferentes com desenhos que se encaixam ou se sobreponem são usadas para criar uma mesma imagem. Para o estêncil, o processo é parecido, mas no lugar da tela de náilon, você usará um recorte vazado num papel. Utilize de preferência um papel rígido ou acetato (podem ser chapas de raio-x já usadas). Para pintar, você pode usar pincéis, mas se quiser um resultado mais uniforme, como na serigrafia, use rolinhos de espuma. A técnica do estêncil é muito usada no grafite.

Seu professor dará mais orientações.

Além do texto, há uma imagem, reproduzida abaixo:



Feitura do estêncil. *Arte em Interação*, p. 127.

Para a realização desta atividade (Anexo 3), utilizei alguns materiais que não foram especificados ou mencionados nas instruções, mas que foram necessários durante o seu desenvolvimento: a canetinha vermelha, para marcar o que seria recortado na chapa de raio-x; a bandejinha de isopor, para espalhar a tinta no rolinho de espuma; a tinta guache, para pintar; e a tesoura sem ponta, para recortar a chapa de raio-x. Estes materiais foram escolhidos por mim por serem mais comuns na escola e, portanto, são mais prováveis de serem utilizados.

Acredito que, no geral, todos os materiais a serem usados deveriam estar especificados nas instruções das atividades, para possibilitar o planejamento da aula e evitar imprevistos que inviabilizem a sua realização.

Considerando que este detalhamento nem sempre ocorre, tanto em relação aos materiais quanto ao passo a passo da realização da atividade, é necessário que o professor teste as atividades do livro didático antes de levá-las para a sala de aula, de propô-las para os alunos, investigando materiais, resultados e potencialidades de cada uma delas.

A atividade da página 127 propõe a produção de imagem, pelo aluno, a partir de outra imagem: a de uma celebridade de sua época.

Vincular as atividades a uma temática, no caso a arte pop, pode ser uma boa forma de se articular a contextualização, o fazer e o apreciar Arte. Porém, o professor deve ter sempre em mente que esta é uma orientação e que ele tem autonomia para seguir ou não, deixando os alunos escolherem ou não, dependendo do que considerar melhor para o aprendizado destes.

Ainda desenvolvendo a atividade proposta pelo livro, durante a “gravação” da chapa de raio-x, pude constatar que a tesoura sem ponta não possibilita um corte preciso, impedindo a existência de detalhes muito pequenos na imagem. Essa impossibilidade pode ser frustrante se o aluno não for alertado quanto a esta limitação já no momento de se pensar a imagem. O estilete proporciona um corte mais fino, mas pode trazer riscos se for levado para a sala de aula, mesmo se utilizado por alunos do ensino médio.

Já na parte final da atividade, no momento da impressão do estêncil, surgiu uma complicação. Como não foi especificada nas instruções a necessidade de se deixar uma margem grande de acetato ao redor da imagem ou de se fazer uma máscara (proteção) para que a tinta não atingisse o papel em lugares que não fossem os desejados, o rolinho de espuma borrou a imagem de tinta, fazendo com que eu tivesse que refazer a matriz e utilizar outra cópia da imagem para a impressão.

As instruções desta atividade, assim como de todas as outras que constam nos livros e que foram desenvolvidas por mim, não apontam para a necessidade de se prestar atenção à quantidade de tinta a ser utilizada para a impressão. Tanto a tinta guache quanto a tinta acrílica, empregada na realização de outra atividade, são absorvidas pelo rolinho de espuma no momento da entintagem e podem “enganar”

quem as está usando. Utilizar mais ou menos tinta que o ideal não é um problema, se a impressão puder ser refeita, mas pode se tornar um se o material for escasso.

As orientações complementares para esta atividade, existentes no Manual do Professor, trazem a explicação de diversos detalhes importantes, como a necessidade de precisão do encaixe entre os moldes, se mais de um for utilizado, e de se esperar a tinta secar no papel antes de se utilizar outro molde. Além disso, lembra que a falha na impressão pode ser incorporada ao trabalho e que os erros podem e devem ser abordados como construtivos.

Mesmo sabendo da impossibilidade de se colocar tudo que é necessário dentro de um livro didático, considero que as orientações complementares dadas, tanto para esta atividade quanto para as demais desenvolvidas por mim, deveriam constar no livro do aluno. Já que, admitindo esta incompletude do livro didático, faz-se imprescindível garantir que o conteúdo que ele apresenta seja trabalhado da maneira mais completa possível, contribuindo para a construção de conhecimento, o que uma passada rápida pelos temas não permite.

Outra atividade do livro *Arte em Interação*, localizada na página 347, foi desenvolvida. Esta está inserida no contexto da xilogravura e do cordel:

A xilogravura é uma técnica de reprodução de imagens em relevo, que se assemelha a um carimbo. Ao entintar a matriz de madeira, somente a parte elevada, ou seja, a superfície, recebe tinta. Assim, as partes que foram escavadas com ferramentas formam partes brancas da imagem impressa, que é chamada de “estampa”. A xilogravura não é um processo complicado, mas exige ferramentas cortantes, e deve ser feita com treinamento adequado. Agora você irá experimentar

um processo parecido, mas que não oferece risco, para criar uma gravura com E.V.A.³ (placa de borracha) para ilustrar um cordel.

Material

- *Pequena placa de madeira*
- *Folha de E.V.A. fina*
- *tesoura*
- *rolinho de espuma*
- *tinta guache ou acrílica*
- *papéis- podem ser de várias cores (seda e sulfite)*
- *bandeja de isopor*
- *água*
- *pote*
- *tecido*
- *esponja*
- *cola*

Primeiro, você irá pesquisar sobre literatura de cordel, e escolherá uma história. Sua gravura deve ser uma ilustração para esse cordel.

Você fará a gravura recortando e colando pedaços de E.V.A. sobre a placa de madeira. Você pode formar linhas brancas ao colar partes de E.V.A. próximas, deixando um vão entre elas. Ou recortar tiras finas de E.V.A., fazendo com que elas formem as linhas. Faça um esboço antes, definindo que partes serão feitas de E.V.A. e, portanto, receberão tinta na hora de imprimir, o que cria a relação de contraste na imagem, entre cor da tinta e cor do papel. Aproveite para experimentar o uso de tintas e papéis coloridos, estudando seus contrastes.

A tinta deve ser diluída em água -faça isso na bandeja- mas não muito molhada. Passe-a com o rolinho sobre a gravura, e pressione o papel sobre ela, transferindo a imagem da matriz em E.V.A. para o papel. Se necessário, realize várias

³ E.V.A.: Etil Vinil Acetato.

impressões até conseguir a melhor consistência da tinta. Teste qual o melhor tipo de papel.

Você pode incluir texto junto à imagem, mas lembre-se de que ele deve ser invertido.

Quanto aos materiais especificados nas orientações da atividade (Anexo 4), o tecido e a espuma não foram utilizados por mim, pois não foi especificado para o que deveriam ser usados. Talvez tenham sido pensados para se usar na limpeza do ambiente, após a realização da atividade. Dos materiais elencados, a pequena placa de madeira é a menos comum de se encontrar no ambiente escolar. Neste sentido, outros suportes para o E.V.A. poderiam ser testados pelo professor, como talvez a placa de isopor.

Assim como a outra atividade, esta é vinculada a uma temática, neste caso o cordel. Também aqui a autonomia do professor deve ser lembrada, podendo este seguir ou não a sugestão dada. Com relação ao fato da gravura produzida ser uma ilustração do cordel⁴, faz-se necessário reforçar para o aluno que a xilogravura também pode ser produzida em outros contextos, desvinculada do texto.

A atividade não proporciona a experiência da gravação, já que não há incisão na matriz. O processo de colagem do E.V.A. demanda, além de paciência, muito tempo. O que o professor normalmente não dispõe para poder desenvolver a atividade com os alunos na sala de aula. Uma alternativa para esta falta de tempo, apesar de não ser o ideal, é entregar o E.V.A. para os alunos realizarem a colagem em casa, trazendo as dificuldades e dúvidas para serem discutidas na sala de aula.

⁴ Cordel utilizado como base para a realização da atividade: *A Força do Amor: Alonso e Marina*, de José Bernardo da Silva.

Importante observar, no processo de impressão, que o E.V.A. deforma com muita facilidade. Assim, as imagens resultantes deste processo são bastante variadas. O resultado é surpreendente quando utilizada a tinta guache para a impressão. Isto porque sua utilização resulta em uma impressão bem heterogênea, mas de aspecto interessante. Quando utilizada a tinta acrílica, além desta quase não ser transferida para o papel, pois o E.V.A. a absorve e ela seca antes que seja possível imprimir, essa gruda tanto que, quando o papel é retirado, as partes do E.V.A. se descolam do suporte de madeira.

Utilizar um pouco de água para dissolver a tinta acrílica, como indicado na atividade, pode ser uma boa solução, o que, para tinta guache, considerando que sua consistência já é boa para a realização da atividade, pode ser um problema.

As orientações complementares, assim como na outra atividade, destacam alguns cuidados importantes, como a agilidade no processo de impressão, para que a tinta não seque na matriz e a atenção para não deixar a tinta muito líquida. Também sugere que o professor leve, para mostrar e discutir com os alunos, outras xilogravuras além das que estão no livro e que os incentive a experimentar papéis diferentes.

Na página 82 do livro *Por toda Parte*, há a orientação para o desenvolvimento de uma proposta que, se considerarmos que há a indicação de diversos materiais para serem utilizados como matriz, podem ser pensados como várias atividades. Por isso, optei por experimentar todas as opções de matrizes dadas, subdividindo a atividade.

Vamos fazer uma gravura?

1. *Escolha um material para gravar seu desenho. Uma placa de madeira ou uma superfície plana de gesso podem servir como matriz.*

2. *Usando uma folha de papel carbono, passe o seu desenho para a superfície da matriz.*
3. *Se você escolher como matriz um pedaço de madeira, o melhor é usar goivas, que são ferramentas de corte para fazer marcas ou retirar partes da madeira. Se escolher trabalhar com outros materiais, como uma placa de isopor com textura lisa ou uma placa de gesso, você pode usar lápis, tampas de canetas, palitos de madeira, dentre outros materiais.*
4. *Com a matriz gravada, passe tinta (pode ser guache) sobre a superfície.*
5. *Pressione uma folha de papel de seda sobre ela e veja como sua gravura aparece. Faça quantas cópias quiser. Vale lembrar que as primeiras cópias são as mais valiosas no que diz respeito a uma tiragem profissional.*

Outra ideia é usar as técnicas do artista Derlon Almeida. Desenhe o que quiser em uma folha de jornal e depois pinte seu desenho usando nanquim ou guache preto, explorando as áreas claras e escuras. Em seguida, passe cola por cima da imagem para fixá-la bem no local escolhido. Essa técnica é parecida com a colocação de cartazes em postes e paredes.

Utilizar a placa de isopor como matriz (Anexo 5) demanda, ao longo de todo o processo de produção da gravura, um cuidado especial. Isto porque o isopor marca com muita facilidade, gravando áreas que não queremos que sejam gravadas. Neste sentido, até um alto relevo com o nome da marca da bandeirinha de isopor, normalmente localizada no verso desta, pode interferir na imagem.

O momento da transferência do desenho para a matriz utilizando o papel carbono, como orientado na atividade, demanda atenção, pois a parte do desenho que será transferida pelo carbono é a preta, mas se essa transferência for feita com força e

marcar o isopor, o lápis fará sulcos na matriz e estes farão com que a impressão saia branca nos lugares em que deveria sair preta. Assim, o risco deve ser feito colocando pouca pressão.

Não está indicado na atividade, mas considero uma boa sugestão que, antes de gravar, seja passada uma camada de tinta acrílica no verso da placa de isopor, pois isto ajuda a manter a placa inteira e firme depois de realizada a gravação. Ao propor a produção da gravura em isopor para alunos da terceira e sétima série do ensino fundamental, tive a oportunidade de constatar que uma das grandes dificuldades deles é manter a placa inteira. Isto porque a placa é pouco espessa, rompendo-se com facilidade quando uma força excessiva é empregada para a sua gravação.

Ainda desenvolvendo a atividade, durante a impressão, percebi que quanto maior for a área gravada, pior a qualidade da impressão. Isto ocorre porque uma grande quantidade de sulcos proporciona pouco contato entre a placa de isopor e o papel, o que faz com que este fique desnivelado e encoste em lugares de onde não deveria transferir a tinta.

Ao utilizar a placa de gesso como matriz (Anexo 6) e a tinta guache para a impressão, experimentei uma grande frustração. Já no momento de gravação, a matriz se mostra muito resistente para que as marcas sejam feitas com lápis, tampa de caneta ou palito de madeira. Na impressão, a tinta guache é absorvida rapidamente pelo gesso e praticamente não é possível imprimir a imagem, já que a tinta quase não é transferida para o papel.

Quanto à utilização da madeira como matriz (Anexo 7), não há nenhuma indicação sobre a preparação da matriz (lixar, nivelar, passar goma-laca) nem sobre os cuidados com o uso das goivas. Não indica, ainda, a tinta específica a ser usada,

induzindo o aluno a passar tinta guache na matriz, já que foi a tinta indicada para os outros suportes.

O resultado obtido com a tinta guache é bem inferior ao obtido com a tinta específica para ser utilizada na impressão da xilogravura.

Apesar de não indicado nas atividades, a tinta acrílica também foi testada em todos os suportes indicados nesta e o resultado foi sempre inferior ao alcançado utilizando a tinta guache.

Além de orientar a produção de gravura, esta atividade sugere a produção de imagem a ser colada na parede (Anexo 8). A pintura com a tinta guache e a pintura com o nanquim trazem uma estética semelhante a da xilogravura. Mas, no momento da colagem do papel na parede, tanto o nanquim quanto a tinta guache mancham um pouco.

Devido ao fato da cola escolar não ser própria para colagem de papel jornal em parede, ela o enruga, dificultando sua aderência na parede.

As orientações complementares para a atividade da página 82, presentes no manual do professor, destacam a importância do aluno escolher a “linguagem artística”, materiais e procedimentos com que trabalhar. Sugere que o professor oriente os alunos quanto à produção de gravura e indica a leitura de um artigo para ajudar nessa tarefa. Este artigo, disponível na internet (PASSOS, 2012), possui diversas informações sobre a gravura e proposições de atividades relacionadas a esta.

De modo geral, o processo de desenvolvimento das atividades e o resultado destas apontam para a necessidade de constar, nos livros didáticos, orientações mais detalhadas sobre a produção de gravura. Isto se faz ainda mais necessário se considerarmos que, no Brasil, 51,7% dos professores do ensino médio não tem licenciatura na disciplina em que dá aulas (VIZONI, 2014) e que, mesmo os

professores licenciados na área de Arte, podem não ter, e nem é obrigação deles ter, um conhecimento aprofundado sobre todas as modalidades artísticas.

CAPÍTULO 3 - PROPOSTAS PARA O ENSINO DA GRAVURA

3.1- *Material didático para o ensino da gravura*

3.1.1- *Desenvolvimento do material didático*

A gravura, enquanto uma constante na minha formação acadêmica, influenciou diretamente grande parte do que pesquisei e produzi ao longo das disciplinas do curso de licenciatura. Estas me proporcionaram o despertar de questionamentos, dúvidas e desafios referentes à construção de conhecimento em gravura. Estas questões motivaram a elaboração de um material didático para o ensino da gravura, que acabou originando este Trabalho de Conclusão de Curso.

A base para a construção do material didático é uma aula desenvolvida com alunos da 3^a série do ensino fundamental. Esta aula ocorreu enquanto cursava o sexto período da faculdade, no contexto da disciplina Estágio Supervisionado I.

Observei a turma e as aulas de Arte por certo período e, posteriormente, desenvolvi uma aula de xilogravura, com a produção de gravura em isopor. Neste momento, já estava interessada no ensino da gravura e vi nesta aula a oportunidade dos alunos utilizarem tinta, o que normalmente não faziam nas aulas de Arte, apesar da disponibilidade do material.

Após a realização da aula, observando e conversando informalmente com os alunos, percebi que várias características que diferem a gravura das demais modalidades artísticas, como a reproduzibilidade, a produção indireta da imagem e a inversão desta, não foram percebidas por eles.

Depois desta experiência, levei para Laboratório I, disciplina que cursava neste mesmo período, a tarefa de pensar a concepção de um material didático que contribuisse para a construção de conhecimento em gravura.

Lembrando que a minha ligação com a fotografia foi estabelecida por meio do viés da memória, pensei em propor que a gravura, técnica tradicional que se desenvolveu ao longo de anos e que carrega uma espécie de “memória coletiva”, fosse trabalhada vinculada a uma “memória individual” do aluno.

A primeira etapa de elaboração do material didático, orientada pelo professor Geraldo Loyola, era a realização de uma construção teórica acerca desse. A grande dificuldade desta etapa foi a escassez de referências com relação ao ensino da gravura, especificamente na educação básica. Esta escassez foi um ponto importante para que eu decidisse levar em frente a construção do material didático, para tentar suprir, em parte, esta lacuna.

Inicialmente, pensei que o material didático poderia ser individual, voltado para cada aluno, a fim de que este pudesse ir trabalhando-o de acordo com o seu ritmo de aprendizagem. O material teria o formato de um livro, com informações acerca das particularidades da gravura, exemplos e atividades relacionadas a estas, para que o aluno pudesse ir construindo seu próprio material didático e, paralelamente, seu conhecimento em gravura. Finalizei a disciplina de Laboratório I com essa concepção de material.

Já na disciplina de Laboratório II, apresentei para os colegas de turma a proposta desenvolvida na disciplina anterior e, instigada pela professora Juliana Gouthier, comecei a reformular o formato do material, para que ele pudesse ser utilizado coletivamente. Assim, visualizei um material que orientasse o professor na utilização de uma caixa para cada grupo de alunos. Nesta caixa os alunos da educação básica organizariam: informações coletadas sobre a gravura, anotações, objetos, fotografias pessoais, produções resultantes de atividades desenvolvidas que relacionassem a gravura à memória individual dos alunos.

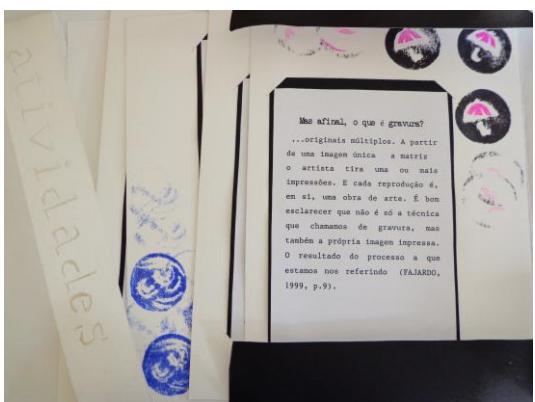
Apresentei este novo formato de material e fui provocada pela professora Juliana a pensar se havia necessidade de limitar essa organização dos materiais relacionados à gravura em uma caixa, ou se uma proposta mais flexível nesse ponto não poderia ser mais dinâmica e produtiva.

Partindo dessa nova sugestão, mudei um pouco o foco do material didático, concebendo-o como apoio, sugestão, não-manual de instruções do professor.

3.1.2- *O material didático*

O material didático consiste em uma caixa de madeira contendo várias fichas com propostas de atividades relacionadas à gravura, aos artistas gravadores e às memórias dos alunos. As fichas estão subdivididas em quatro pastas denominadas: artistas, referências, atividades e imagens. Há ainda cinco pequenas caixas de papel contendo os carimbos e estêncils utilizados na produção do material. Na parte externa da tampa da caixa, há duas matrizes de xilogravura removíveis e, na parte interna, há um pequeno varal com papéis, para anotar ideias.





3.2- Experiências com o material didático

3.2.1- A gravura e a cidade

Neste último semestre da graduação estou cursando a disciplina Estágio Supervisionado III, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, ministrada pelas professoras Juliana Gouthier Macedo e Cláudia Regina dos Anjos.

Por meio desta disciplina, acompanho as aulas de Artes Visuais de alunos da terceira série do ensino fundamental, ministradas pelo professor Fernando Ferreira.

Durante o estágio, nós, alunos, devemos planejar e, se possível, desenvolver um projeto de aula.

Considerando meu interesse pelo ensino da gravura e o material didático que produzi a seu respeito, optei por planejar um projeto de aula que envolvesse a produção, por parte dos alunos, de gravura em isopor. Considero ainda que, aparentemente, esta é a atividade mais desenvolvida com alunos da educação básica, dentre as que se relacionam à gravura. Assim, o desenvolvimento desta aula possibilitou uma vivência mais próxima do cotidiano da sala de aula.

Paralelamente à gravura, as aulas propostas pretendem trazer contribuições para se pensar múltiplos olhares sobre a cidade, temática que o professor Fernando Ferreira está desenvolvendo com os alunos, ao longo de todo o semestre.

A proposta dessas duas aulas foi elaborada considerando a necessidade de se contextualizar, apreciar e produzir Arte, desenvolvendo-se nas seguintes etapas:

Etapa/ aula	Descrição
1/1	<p>Mostrar aos alunos imagens impressas de janelas de prédios. Problematizar com eles, a partir das imagens, a padronização das paisagens da cidade e os “desvios” que podem ser feitos para se acrescentar um pouquinho de personalidade ao “seu lugar de morar”: cortinas coloridas, flores e outros objetos dispostos no entorno da janela.</p> <p>Além disso, conversar, brevemente, a respeito de cenas cotidianas que ocorrem no interior de casas e prédios e que podem ser vistos através do enquadramento da janela.</p>
2/1	<p>Entregar para os alunos bandejinhas de isopor recortadas em formato retangular (aproximadamente 13x9 cm). Esta padronização do formato tem como objetivo incentivá-los a focar, neste momento, nas visualidades dentro do enquadramento da janela e não no formato que esta possa ter.</p> <p>Entregar o papel de rascunho e o lápis.</p> <p>Orientar os alunos a produzir imagens exemplificando como é possível tornar pessoal algo padronizado: janelas de prédios.</p>
3/1	<p>Disponibilizar o rolinho de espuma, a tinta guache preta e a tampa de plástico para colocar a tinta.</p> <p>Orientar para que os alunos façam três impressões, compare-as e selecione a que considerou melhor.</p>

	<p>Ajudar, quando requisitado, no processo de gravação e impressão, considerando que os alunos já possuem uma noção básica da técnica, por terem sido apresentadas a esta em atividade proposta pelo professor Fernando Ferreira.</p> <p>Colocar os trabalhos dos alunos no varal, para secar e para que eles possam ver a produção de todos os colegas.</p>
1/2	Mostrar para os alunos as obras de Tales Bedeschi, lendo com eles a definição de matriz perdida e conversando sobre o que entenderam.
2/2	Mostrar imagens impressas de janelas de prédios com formatos inusitados, discutindo sobre a necessidade de serem no formato retangular, evidenciando que foi com este formato que trabalharam na aula anterior.
3/2	<p>Mostrar aos alunos os trabalhos que desenvolveram em outra aula, produzindo representações de prédios por meio da técnica de <i>pop-up</i>.</p> <p>Problematizar as janelas padronizadas, retangulares ou quadradas, que eles desenharam ou fizeram com papel colado.</p>
4/2	<p>Distribuir mini-carimbos feitos com emborrachado, de base retangular.</p> <p>Explicar que a proposta é recortar a base retangular dos carimbos em diversos “formatos de janelas”, sendo que os carimbos podem ser recortados várias vezes, diminuindo seu tamanho.</p> <p>Distribuir tintas de diversas cores, para que possam fazer as impressões nos prédios, por cima das janelas desenhadas anteriormente.</p>

5/2	<p>Após esta atividade, retomar com os alunos as gravuras que eles produziram na aula anterior.</p> <p>Distribuir caixas de papelão, onde colarão suas janelas de gravura, criando “prédios”.</p> <p>Convidar os alunos a intervirem nas paredes dos “prédios” utilizando os carimbos recortados em diversos formatos.</p>
-----	--

Para que os alunos possam compartilhar as tintas, os rolinhos, as imagens a serem vistas e outros materiais necessários para o desenvolvimento das atividades, é importante que eles possam se sentar em mesas grandes, formando grupos.

Para a realização de todas as atividades, além de infraestrutura adequada, é necessário:

- Imagens impressas
- Catálogo da exposição do artista Tales Bedeschi
- Folha A4 branca
- Lápis
- Bandejinha de isopor
- Tinta guache preta e de outras cores
- Rolinho de espuma
- Bandejinha ou tampa de plástico
- Varal
- Pregador
- Cola quente
- Emborrachado
- Palitinho de madeira
- Estilete
- Caixa de papelão
- Tesoura sem ponta

3.2.2- Executando o projeto - experiências

As aulas (Anexo 9) foram dadas em conjunto, pelo professor Fernando Ferreira e por mim, considerando que ainda não possuía o entrosamento necessário com os alunos para conduzi-las sozinha.

No início da primeira aula, os alunos estavam muito inquietos e demoraram a sentar nas mesas para que a aula pudesse efetivamente começar. Aqui faz-se interessante pontuar que esta turma possui muita dificuldade em fazer silêncio para ouvir o outro, o que pode ser observado tanto no relacionamento dos alunos entre si quanto nô destes com os professores com os quais convivem.

Com os alunos sentados, foi possível passar para estes as imagens impressas, levantando questões acerca de cada uma, enquanto eles a observavam. Mantê-los concentrados na observação das imagens foi algo muito difícil.

Explicada a atividade e distribuídos os materiais, os alunos começaram a esboçar as imagens a serem gravadas no isopor. Alguns alunos se recusaram a fazer a atividade, mesmo com a intervenção do professor Fernando Ferreira, e voltaram sua atenção para os diversos objetos existentes na sala de aula. Estes alunos não se envolveram com a aula até o final da mesma, diferindo-se dos outros que, iniciando o esboço, participaram de todas as atividades até o término da aula.

No momento da gravação, os alunos foram avisados de que não havia necessidade de pressionar muito o lápis para gravar. Mesmo assim, as placas de isopor de alguns alunos quebraram e, no momento de refazer a gravação em outra placa, estes tiveram mais cuidado. Não foi possível passar tinta acrílica no verso da placa de isopor, pois não havia disponibilidade desse material na sala de aula.

Quanto à impressão, alguns alunos ficaram muito empolgados com a possibilidade de trabalhar com tinta, por vezes exagerando na quantidade que usavam para entintar o rolinho de espuma.

Nesses casos, não basta explicar que o excesso de tinta atrapalha a impressão, é preciso mostrar, comparando as impressões que o próprio aluno fez, com mais e

menos tinta, para que ele possa realmente compreender a importância desse cuidado, que parece um detalhe, mas não é.

Apesar da falta de envolvimento de parte dos alunos, acredito que a produção da gravura em isopor foi positiva, abrindo portas para conversar sobre a xilogravura no início da segunda aula.

Quanto à temática das imagens, creio que trazer as fotos de diversas janelas e conversar acerca destas, no início da aula, possibilitou uma diversidade maior de imagens produzidas pelos alunos. Mesmo assim, algumas imagens se repetiram.

Já na segunda aula, o professor e eu mostramos para os alunos um catálogo do artista Tales Bedeschi. Neste há a reprodução de diversos trabalhos, incluindo séries de xilogravuras que problematizam o espaço da cidade.

Resolvi levar para os alunos, além do catálogo já mencionado, outro catálogo com diversas gravuras dos alunos da Escola de Belas Artes da UFMG. Isto porque considero importante familiarizar os alunos com a produção artística local e mostrar uma gama maior de possibilidades de se trabalhar com a gravura.

Os alunos receberam os catálogos com muito interesse. Alguns deles perguntaram como eram feitas as imagens e leram as explicações quanto à técnica da matriz perdida. Este momento foi planejado para ser mais coletivo do que realmente foi. O que não o prejudicou, pois o envolvimento individual dos alunos com o material também foi algo interessante.

Alguns alunos, quase os mesmos que não realizaram as atividades da primeira aula, estavam igualmente dispersos e desinteressados nesta segunda aula.

Após os alunos olharem os catálogos e levantarem questões acerca destes, nós os recolhemos e mostramos para os alunos algumas imagens impressas de janelas em formatos inusitados, diferentes das habituais janelas retangulares.

Enquanto os alunos olhavam as imagens, Fernando e eu organizamos em cima das mesas os materiais necessários para a realização da atividade prática.

Os trabalhos de *pop-up* produzidos pelos alunos não puderam ser utilizados como suporte para esta atividade, pois foram descartados após uma reorganização da sala de aula. Estes foram substituídos por folhas brancas em formato A3.

Depois de organizados os materiais, explicamos para os alunos do que se tratava a atividade. Interessante observar como, mesmo enfatizando que os carimbos deveriam ser cortados para adquirirem outro formato que não o retangular, devendo ser utilizados na construção de prédios, isto quase não aconteceu.

Não sei se por causa da possibilidade de se usar diversas cores de tintas ou da aproximação maior que os alunos possuem com a pintura se comparada à gravura ou se por causa dos dois, o que aconteceu foi que os alunos começaram a utilizar os carimbos não como carimbos, mas como pincéis retangulares. A maioria deles não seguiu as orientações, produzindo trabalhos sobre assuntos diversos que não as janelas da cidade.

Olhando as imagens produzidas pelos alunos, o professor Fernando Ferreira sugeriu que distribuíssemos papéis de rascunho para os alunos que haviam finalizado a atividade para que esboçassem uma nova imagem e voltassem a trabalhar com os carimbos a partir deste esboço, enquanto observávamos se isso provocaria alguma mudança. O mais surpreendente foi que eles se afastaram ainda mais das orientações iniciais e a imagens se tornaram, realmente, pinturas.

Importante pontuar que o fato das imagens terem sido construídas a partir da pintura e não de formas carimbadas na folha do papel não é um problema. A questão está no fato de que a atividade, como desenvolvida, não possibilitou a aproximação dos alunos com a reprodução, uma das características da gravura.

No final da aula, propus para os alunos que eles utilizassem os carimbos de embrorrachado para intervir nas “paredes” do prédio (caixas de papelão), onde estavam colocadas as “janelas” que eles produziram na aula anterior. Porém, os alunos não se interessaram pela proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gravura é uma potente forma de expressão artística. Como tal, pode contribuir para a construção de conhecimento em Arte, tanto no que se refere à história, artistas e características da própria gravura, quanto ao desenvolvimento de outros temas e habilidades caras para as Artes Visuais.

Trabalhar com o ensino da gravura na educação básica, assim como de outras modalidades artísticas e da Arte no geral, requer do professor a superação de diversos desafios, como a falta de infraestrutura, de material didático aprofundado sobre o assunto e de materiais básicos para a realização das atividades. Estas dificuldades, em parte, são decorrentes da falta de reconhecimento da Arte enquanto campo de conhecimento importante no espaço escolar.

Esses desafios devem ser encarados pelo professor, não como barreiras intransponíveis, mas obstáculos a serem superados, a fim de proporcionar experiências significativas aos seus alunos.

Para enfrentá-los, a gravura pode ser uma grande aliada, desde que o professor pesquise, produza, teste e complemente os materiais didáticos disponíveis para se trabalhar com ela na sala de aula.

Além disso, para que as aulas contribuam efetivamente para a construção de conhecimento em gravura e em Artes Visuais, esse tema deve ser tratado com calma, em etapas e em grau crescente de aprofundamento, sempre considerando que é uma expressão com a qual a maioria dos alunos não tem contato ou não tem conhecimento deste contato em seu cotidiano.

É um trabalho possível e potente devido à vasta gama de possibilidades que a gravura pode oferecer, não devendo o ensino perder a chance de explorá-la. Assim

como pretendo fazer ao longo da minha trajetória enquanto professora/artista/pesquisadora.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A arte e a experiência segundo John Dewey. In: *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998, p.21-29.

BEDESCHI, Tales. *Horizontes*. Belo Horizonte: Galeria de Arte da Copasa, 2012.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: arte. Ensino de primeira a quarta séries*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: arte. Ensino de quinta a oitava séries*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Linguagens, Códigos e suas tecnologias*. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2014.

BRASIL. Guia de livros didáticos PNLD 2015: arte. Ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/5940-guia-pnld-2015>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

BUTI, Marco. A gravação como processo de pensamento. *Revista USP*. São Paulo, n. 29, mar./maio 1996. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/29/16-marco-buti.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

DA SILVA, José Bernardo. *A Força do Amor: Alonso e Marina*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn000011.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe; DO VALE, Márcio. *Oficinas: gravura*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 1999.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari et al. *Por toda parte*: volume único. 1^a edição. São Paulo: Editora FTD, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3^a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1276.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 43^a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Raquel Lima. A Formação do Professor do Ensino de Arte na Escola: Uma Construção no Cotidiano da Disciplina. Revista SCIAS Arte/Educação do COED/FaE/CBH/UFG, v.1, n.1, out. 2013. Disponível em: <<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/SCIAS/article/view/409/281>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

FRENDA, Perla; GUSMÃO, Tatiane Cristina; BOZZANO, Hugo Luis Barbosa. *Arte em Interação*: volume único. 1^a edição. São Paulo: IBEP – Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, 2013.

GOMES, Karina Barra; NOGUEIRA, Sonia Martins de Almeida. Ensino da Arte na escola pública e aspectos da política educacional: contexto e perspectivas. Rio de Janeiro , v. 16, n. 61, dez. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362008000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 nov. 2014.

GOVERNO DE MINAS GERAIS. *Conteúdos Básicos Comuns (CBC): arte*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2005. Disponível em:

<http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BE9F7E455-BC41-480C-BB41-6BC032BE8999%7D_livro%20de%20artes.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2014.

ICLE, Gilberto. O que é Pedagogia da Arte?. In: _____. (Org.). *Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola – volume 2*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p.11-22.

PASSOS, Maria José Spiteri Tavolaro. Gravura e xilogravura para fazer arte. Revista *Bravo!*, São Paulo: Abril, ed. 178, jun. 2012. Disponível em: <<http://ler.vc/e4ckgc>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

PEDROSA, Carlos et al. *Gravuras: Alunos da escola de Belas Artes Selecionados para a mostra internacional “Jovens Gravadores do Mercosul”*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

POHLMANN, Angela Raffin. *Gravura não tóxica: uma experiência no ateliê de gravura em metal da Universidade (UFPel)*, 2009. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 18., 2009, Bahia. *Anais...* Bahia: ANPAP, EDUFBA, 2009, p. 3121-3135. Disponível em:

<http://www.anapap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/angela_raffin_pohlmann.pdf>.

Acesso em: 30 ago. 2014.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *Proposições Curriculares para a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte: arte*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação. 2010. Disponível em: <http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=educacao&lang=pt_BR&pg=5564&tax=8489>.

Acesso em: 08 nov. 2014.

SANTTOS, Márcia. A gravura como expressão plástica: um estudo da aplicabilidade do acetato como suporte de gravura em côncavo, *Cadernos de [gravura]*, n. 1, maio 2003. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/cpgravura/cadernosdegravura/downloads/GRAVURA_1_maio_2003_parte_2.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2014.

VIZONI, Adriano. Maioria dos docentes do ensino médio não tem formação na área em que atua. *UOL*, São Paulo, 11/04/2014. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/04/11/maioria-dos-docentes-do-medio-nao-tem-licenciatura-na-area-em-que-atua.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

ZAMBONI, Silvio. *A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. 4^a edição. Campinas: Autores Associados, 2012.

ANEXOS

Anexo 1 - Imagens do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado aos membros da Banca Examinadora

Anexo 2 - Imagens do caderninho A

Anexo 3 - Imagens do caderninho B/Estêncil

Anexo 4 - Imagens do caderninho C/Gravura em E.V.A.

Anexo 5 - Imagens do caderninho D/Gravura em isopor

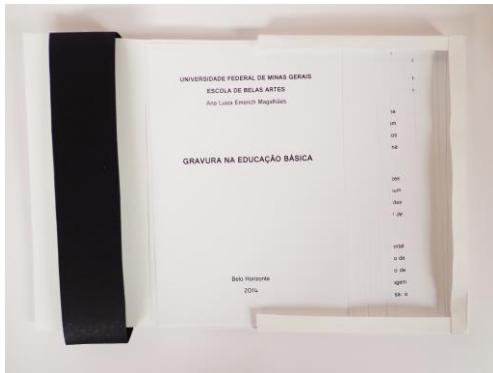
Anexo 6 - Imagens do caderninho E/Gravura em gesso

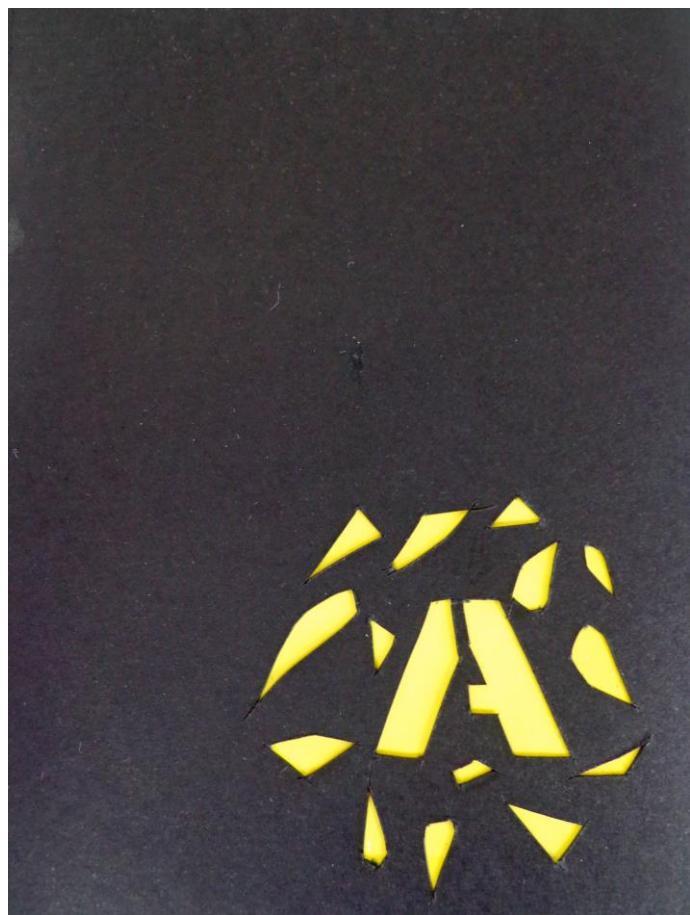
Anexo 7 - Imagens do caderninho F/Xilogravura

Anexo 8 - Imagens do caderninho G/Intervenção

Anexo 9 - Imagens do caderninho H

Anexo 1





Anexo 2



Sem título. Xilogravura, 2012.



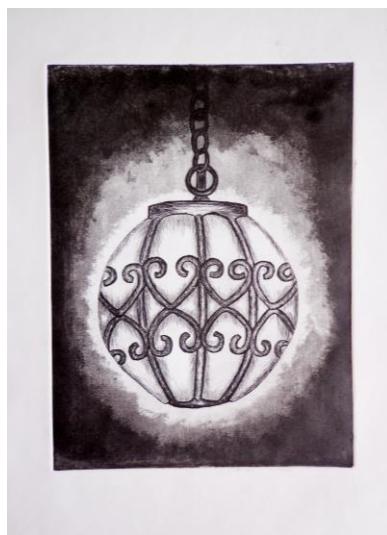
Sem título. Fotograma, 2012.



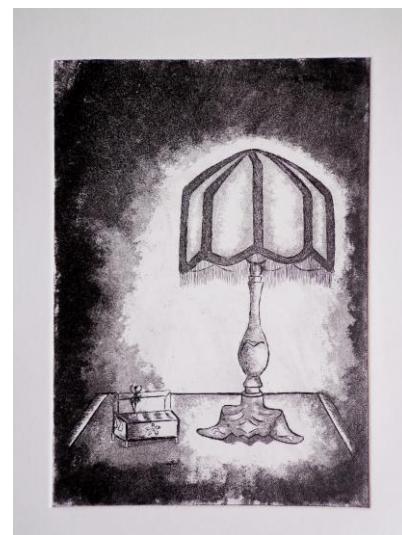
Sem título. Cianotipia, 2012.



Sem título. Fotografia, 2012.



Sem título. Gravura em metal, 2012.



Sem título. Gravura em metal, 2012.



Desejos de memória. Fotografia, 2013.



Desejos de memória. Fotografia, 2013.



Desejos de memória.
Fotografia, 2013.



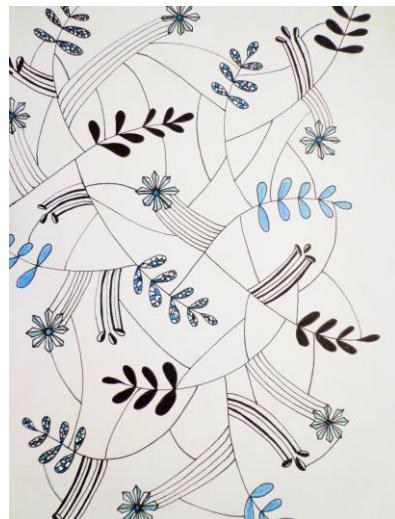
Desejos de memória.
Fotografia, 2013.



Sem título. Litografia, 2013.



Sem título. Tinta acrílica e caneta preta
sobre papel, 2013.



Sem título. Lápis de cor e caneta preta sobre papel, 2013.



Sem título. Tinta guache e caneta preta sobre papel, 2013.



Sem título. Lápis de cor e caneta preta sobre papel, 2013.



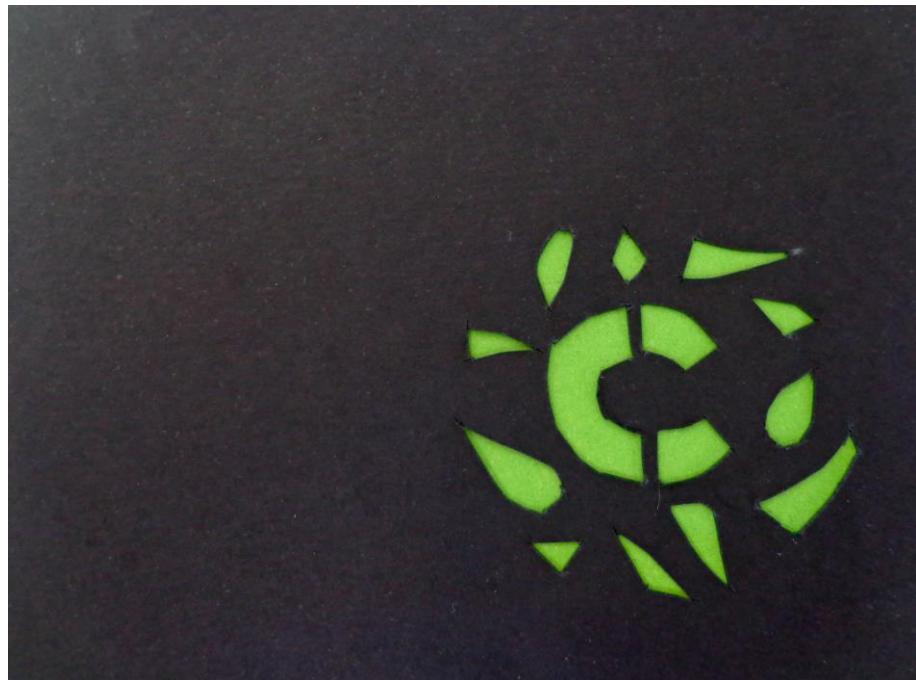
Sem título. Fotografia, 2013.



Anexo 3







Anexo 4



Tinta guache

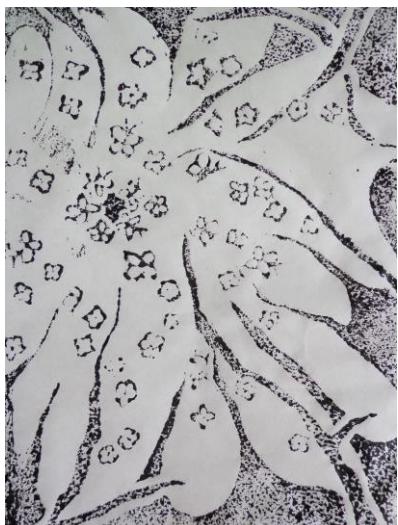
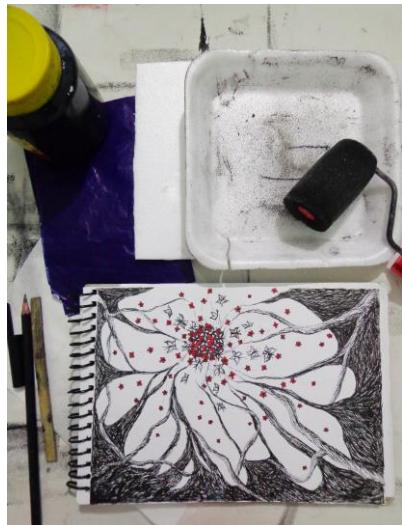


Tinta acrílica





Anexo 5



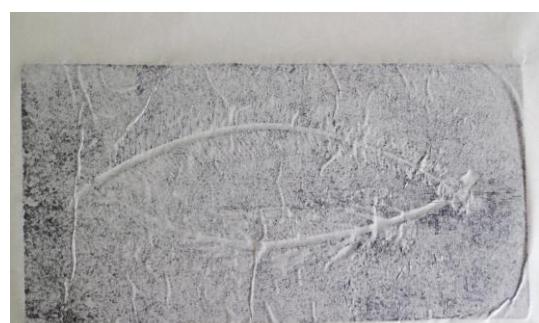


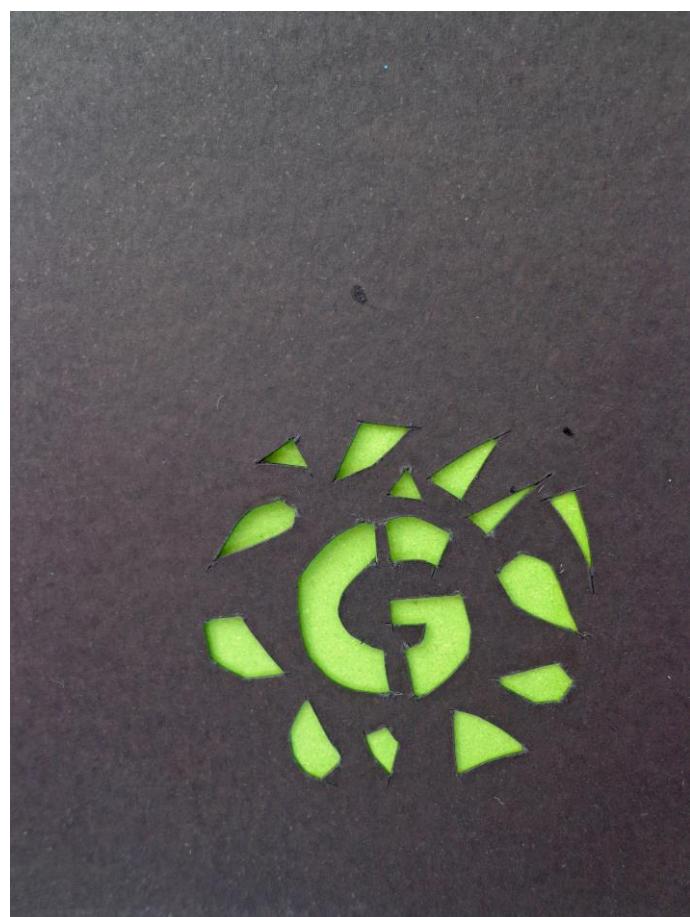
Anexo 6



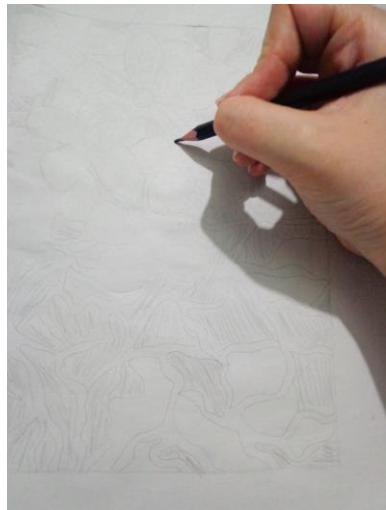
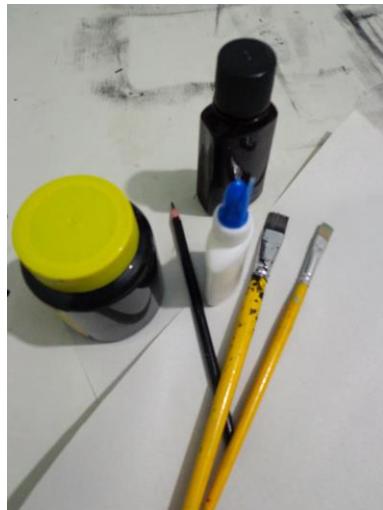


Anexo 7





Anexo 8

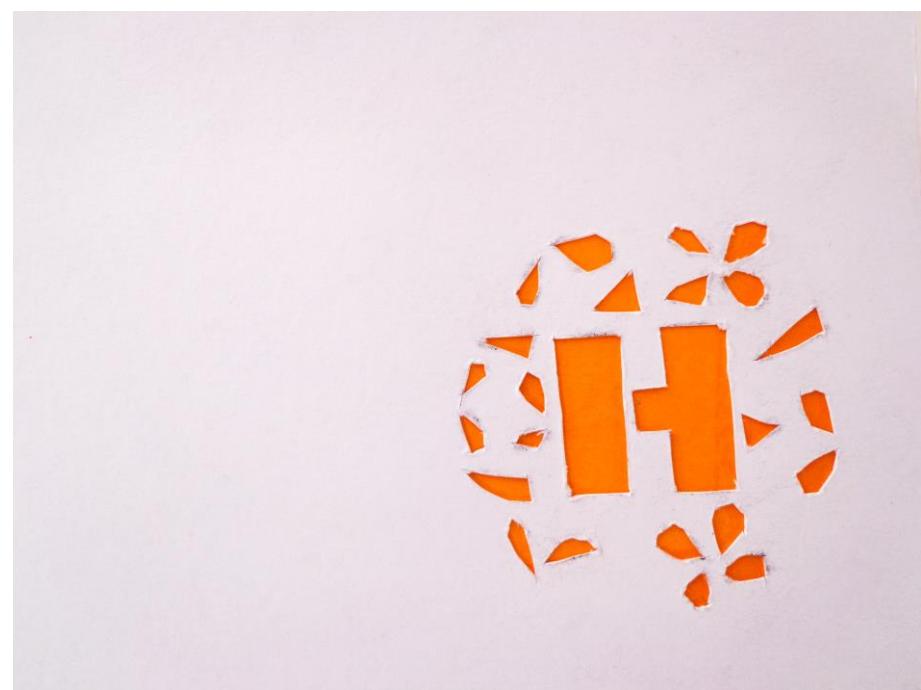


Tinta guache



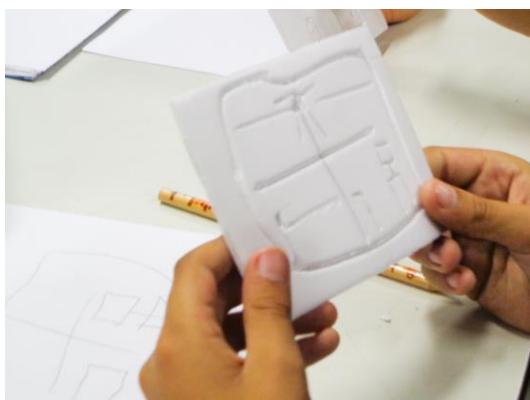
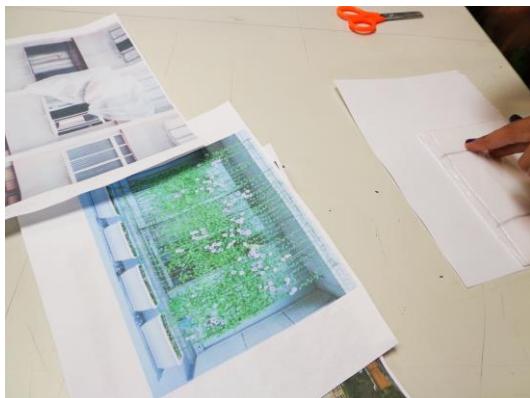
Tinta nanquim





Anexo 9

Aula 1





Aula 2

